

## Serra de Santa Justa e Vale de Couce (Rio Ferreira)

A Serra de Santa Justa e o troço vizinho do vale do Rio Ferreira (“Vale de Couce”) constituem uma área de grande originalidade florística e fitocenótica no contexto do Noroeste Peninsular. Tal singularidade botânica resulta da combinação única de diversos factores ambientais, de entre os quais se destacam a localização geográfica, a atlanticidade do clima e a notável diversidade geológica e geomorfológica do território. A riqueza desta área em termos de património botânico reflecte-se a três níveis principais:

- i) a diversidade e originalidade da flora vascular;
- ii) a abundância e diversidade de briófitas (musgos e grupos afins);
- iii) a diversidade e singularidade da sua vegetação natural.

### 1: Flora vascular

A flora vascular do território, ainda incompletamente conhecida, inclui várias centenas de espécies de fetos (Pteridófitas) e plantas com flores (Angiospérmicas).

Este território é célebre no seio da comunidade científica ibérica pelo facto de nele se encontrarem populações de diversas espécies reliquiais de Pteridófitas (*Culcita macrocarpa*, *Lycopodiella cernua*, *Trichomanes speciosum*) com representação muito reduzida na Europa Continental e, por isso, listadas nos Anexos da Directiva Comunitária “Habitats”. Embora tenham actualmente uma representação reduzida na área (sendo, por isso, sujeitas a planos de monitorização e conservação), encontrando-se limitadas a dois taludes húmidos (*L. cernua*) e a alguns fojos das antigas minas romanas (*C. macrocarpa* e *T. speciosum*), pensa-se que estas espécies ocorreriam abundantemente nos “exuberantes” ambientes florestais e peri-florestais que outrora deverão ter dominado as “Serras de Valongo”.

Outros aspectos muito significativos da flora vascular desta área são a ocorrência do narciso endémico *Narcissus cyclamineus* e a presença de diversas espécies de plantas carnívoras (famílias *Droseraceae* e *Lentibulariaceae*).

### 2: Brioflora (musgos e grupos afins)

A flora briológica do território é bastante rica, tendo em atenção a extensão da área. Até à data foram identificadas cerca de 150 espécies, o que corresponde a cerca de 24% das espécies reconhecidas em Portugal Continental.

A Serra de Santa Justa e o Vale de Couce foram estudados do ponto de vista briológico por Isaac Newton no séc. XIX, ao qual se seguiram outros estudos fragmentados e não sistematizados de A. Rozeira nos anos 30 e de C. Sérgio nos anos 80 do séc. XX. Dos recentes trabalhos de campo com vista a estabelecer um catálogo brioflorístico da área resultou a adição de 73 taxa novos. Alguns dos taxa (13) registados estão incluídos na Red List da briófitas da Península Ibérica. Destes 13 taxa, alguns – especialmente alguns dos registados por I. Newton - não puderam ser de novo encontrados na área devido à forte intervenção humana que o vale sofreu desde então. Isto verifica-se particularmente no caso de briófitas higrófitas ou aquáticas cujos efectivos foram muito depauperados ou mesmo extintos (ex. *Sphagnum squarrosum*) devido à degradação da qualidade da água do rio Ferreira.

A maior diversidade de briófitas no território encontra-se em bosques de caducifólias, de *Q. robur* fundamentalmente, não sendo contudo de menosprezar as áreas higroturfosas ou pequenas turfeiras, que, sendo um habitat protegido pela Directiva Habitats, se tornam particularmente importantes face à altitude em que ocorrem e à influência atlântica. Locais húmidos, fojos e pequenas linhas de água e suas vizinhanças são também locais onde ocorrem muitas das espécies mencionadas na Red List Ibérica.

Do ponto de vista fitogeográfico, as briófitas de Valongo incluem-se em dois grandes grupos: as de carácter termófilo, que sublinham as características peculiares do vale no que se refere ao facto de ser um local protegido, e as de carácter eurossiberiano, nas zonas mais húmidas e não sujeitas à influência protectora do vale, que aqui tende a minimizar as oscilações térmicas. É, portanto, interessante verificar que uma área pouco extensa como a do território em questão reuna uma tão grande diversidade de habitats e plantas com características fitogeográficas tão diversas.

### 3: Vegetação natural

A vegetação natural da Serra de Santa Justa encontra-se actualmente bastante degradada, estando em muitos casos substituída por plantações silvícolas monoculturais. No entanto, é ainda possível observar, na base da encosta que “verte” ao Rio Ferreira em Couce, e no próprio vale, formações naturais de índole florestal e pré-florestal relativamente bem estruturadas.

A singularidade dos bosques e matagais desta área resulta da sua riqueza em arbustos termófilos que lhes conferem uma grande individualidade. São os casos de *Viburnum tinus*, *Phyllirea media*, *Myrtus communis*, *Smilax aspera*, nos carvalhais, e de *Phyllirea angustifolia* e *Lavandula luisieri* nos matagais. Estes carvalhais endémicos ricos em plantas termófilas, recentemente descritos como *Viburno tini-Quercetum roboris*, têm em Valongo o limite setentrional da sua área de distribuição. Os tojais de *Ulex micranthus* são também endémicos das serras xistosas do Noroeste Peninsular.

Os bosques ribeirinhos de amieiros e salgueiros (*Narcisso cyclaminei-Alnetum glutinosae*) são igualmente endémicos do Noroeste Ibérico, tendo a sua máxima representação nos rios de média dimensão do Minho e Douro Litoral. Também importantes são as frequentes escorrências e zonas húmidas, onde abundam espécies de grande sensibilidade ecológica, entre as quais diversas espécies de plantas carnívoras e um grande número de espécies de briófitas.